

**O JARGÃO EVANGÉLICO:  
ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS  
DAS EXPRESSÕES DO CRISTÃO DE HOJE**

*Wagner Pavarine Assen (UEMS)*

[wagner.assen@gmail.com](mailto:wagner.assen@gmail.com)

*Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)*

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

**RESUMO**

O discurso do cristão contemporâneo muito se modificou ao longo do tempo. Isto se deu com tanta intensidade por causa do crescimento relevante do número de evangélicos na sociedade brasileira. A vertente protestante, apesar de em muitas instancias representar um sincretismo religioso e uma religião não “pura”, cresce, e é possivelmente este advento que se reflete de modo linguístico do falante, onde se tenta talvez delimitar uma separação da “tribo” cristã. Neste sentido, o presente trabalho elabora, em conformidade com os pressupostos sociolinguísticos, uma análise tanto do discurso quanto das representações do falante somadas a possíveis e inerentes comparações aos textos bíblicos. O jargão será estudado em si e no todo teórico que o envolve, partindo dos trajetos históricos do léxico cristão no Brasil para ressaltar o caráter preliminar e geral do estudo a que se dará continuidade posteriormente.

**Palavras chaves:** Linguística. Sociolinguística. Jargão. Discurso religioso. Evangélicos.

**1. Introdução**

De maneira mais ampla possível, toda forma de expressão e de linguagem carrega a representação da cultura a que esta foi submetida ou inserida. Cada indivíduo, por ser “histórico”, leva consigo uma bagagem de expressões e léxico a que desde seu nascimento fora submetido. As ações humanas são representações de um determinado período histórico e o modo como um determinado falante se expressa é reflexo de inúmeros fatores que se concatenam: tempo, espaço, classe social, escolaridade etc.

E é nesse avanço e mudança da sociedade que igualmente se modifica a linguagem. A língua e a linguagem seguem o tempo, e alguns modelos de expressão são tornados padrões de diferenciação de determinados grupos de falantes; isso determina e possibilita perceber de onde o falante veio de acordo com seu sotaque ou entoação ao falar. É possível determinar também os “dialetos” de cada tribo, definidos por exemplo, pelo estilo musical como roqueiros, os rappers, os adeptos do reggae.

Cada falante se insere no meio social pelo falar que o aproxima dos demais integrantes do grupo, além de seus gostos em comum. Sua linguagem passa a ser semelhante, e pelo advento das *gírias* e dos *jargões*, esse fator se torna ainda mais latente. Nessa interação que o ser humano verbaliza e simboliza pode-se perceber o tempo em que este fala.

Entendida como “sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos ou conteúdo da consciência”, a linguagem se realiza de modo histórico onde cada sistema se realiza em determinada comunidade de falantes. Mais que necessário saber que a *intercomunicação social* é que produz linguagem, por esta estar inserida no mundo e no meio e não se realizar individualmente. (Cf. BECHARA, 2009)

A *atividade humana de falar* possui cinco dimensões universais – que para este estudo se faz necessário ressaltar o caráter preliminar da análise. Haja vista que este tem por objetivo o aprofundamento em instâncias de especialização: *criatividade, materialidade, semanticidade, alteridade e historicidade*.

*Criatividade*, porque a linguagem, forma de cultura que é se manifesta com atividade livre e criadora, ou “do espírito”, isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não simplesmente repete o que já foi produzido.

*Materialidade*, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e psicologicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (...) com que estabelece diferenças de significado; enquanto em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referência ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem.

*Semanticidade*, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico.

*Alteridade*, porque o significar é obrigatoriamente e sempre um “ser com outros”, próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes.

*Historicidade*, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de língua, isto é, de tradição lingüística de uma camada histórica. Não existe língua desacompanhada de sua referência histórica: *só há língua portuguesa, língua francesa, língua inglesa (...)*. (BECHARA, 2009, p. 29)

Levando em conta as cinco instâncias universais formadoras da linguagem, estas juntas são pressupostos a serem considerados para uma análise bem estruturada do objeto em questão, onde a linguagem humana articulada se realiza por meio dos chamados *atos lingüísticos*, organizados em sistemas.

Sendo o português uma língua constituída por várias outras próximas entre si, como exemplo o espanhol, o galego e o português, se fazem congruentes e únicas apesar das diferenças. Os falantes dessa pluralidade tendem a buscar facilitações para o entendimento de sua linguagem, e é pelo advento dessa necessidade de comunicação que a língua se molda para que a linguagem se faça comum. Há, então, uma busca por uma unidade de linguagem onde o falante realiza por ordem política e cultural sua expressão; “geralmente, nessas, condições, se eleva um dialeto como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas” (BECHARA, 2009). É o que se chama *língua comum*.

Por esse viés, notamos que todo aquele que professa algum tipo de fé ou religião pode ser conhecido pelo falar. Diferenciando assim uns dos outros de modo não segregativo, mas enquadrando o que fala em seu meio de convívio, num processo mais natural possível. Dentre relevantes aspectos sobre as funções da linguagem, esta pode representar a cultura, condição social e nível de escolaridade do falante.

O cristão evangélico, oriundo do protestantismo, sempre preconizou se diferenciar das demais crenças e religiões, principalmente do catolicismo romano. Muito desse pensar tem por base o pentateuco onde o sincretismo e a adoração a outros deuses se configurava como pecado e algo abominável a Deus, já escrito nas leis mosaicas. Não só nos ritos e comportamentos essa “separação” é expressa e se evolui até os dias de hoje pela linguagem. Este estudo analisa, *a priori*, as bases do falar do crente atual, num panorama bíblico sustentador usado como base para o escopo lexical do crente.

## 2. O cristão evangélico e sua língua particular

Até o final de 2014 a população que se professa cristã *evangélica* atingirá a marca de 25,03% da população nacional. Chegando a um quarto da população total com a marca de aproximadamente 51 milhões – média aritmética feita pelo site *olharcristao.blogspot.com.br* acompanhando o índice de desenvolvimento populacional de 2010 a 2013 feito pelo IBGE – considerando o crescimento da população nacional e suas estáticas nos últimos trinta anos os evangélicos cresceram aproximadamente 44 milhões, o que os torna evidentemente a vertente religiosa que mais cresce no Brasil, mesmo que boa parte desses sejam os chamados cristãos “desigrejados”, que não concordam com as vertentes neopentecostais e sincréticas que segundo eles ferem a concepção e pureza do evangelho.

Os evangélicos formam um grupo que, apesar de não sólido ou tão unido assim devido às várias denominações existentes, tem um “mundo próprio”, um mercado próprio, uma cultura e linguagem própria. O mercado “gospel” movimentava milhões anuais com shows, livros e acessórios.

Dentre os evangélicos atuais, é possível estabelecer uma divisão, não igualitária, de três grupos dentre as denominações: os *tradicionais* com bases teológicas e cultos aos moldes europeus como batistas e presbiterianos, os *pentecostais*, com uma pluralidade litúrgica, teológica, se multiplica em pequenas comunidades vertente evangélica que mais contribuiu para a mudança no cenário religioso nos últimos anos o que também pode justificar o declínio no número de fiéis da igreja católica, e, por fim, o grupo que se pode denominar de “desigrejados”. Grupo que não possui uma grande expressão numérica, mas que cresce de modo relevante, os *desigrejados* são os adeptos de um evangelho mais liberal, que não compactua com as vertentes julgadas “capitalistas” dentro da igreja, como a *teologia da prosperidade*, originária das premissas norte-americanas. Este grupo sustenta um pensamento mais crítico do evangelho contextualizado atualmente. São criadores de não mais igrejas, mas de “comunidades” cristãs. Mesmo que se possa dizer que este grupo sempre existiu, nos dias de hoje, ele já pode ser considerado uma parte significativa constituinte dos evangélicos que se espalham pelo Brasil.

O principal advento fomentador do crescimento dos evangélicos no Brasil é, sem sombra de dúvidas, a TV. Os programas que contam com investimentos estrondosos, ganham o espaço televisivo de quase to-

das emissoras dos canais abertos, e já possuem TVs próprias na rede paga ou canais fechados. Crescimento que desde a década de 80 explode em cruzadas evangelísticas que reúnem milhares de fiéis em estádios e grandiosas arenas.

É neste panorama que ao mesmo tempo em que cresce o número de evangélicos toda uma cultura “gospel” também se constrói; pegando carona nesse processo temos a configuração do *evangeliquês*.

O historiador *Peter Burke* pressupõe uma perspectiva de viés mais cotidiano, valores, o modo de vida e costumes da história. Na ânsia de se buscar novos diálogos interdisciplinares abarcando demais áreas que possam ser convergentes. Neste sentido se abre um novo leque de estudo para novas dimensões e perspectivas da vida social, sendo assim somam-se os esforços da sociolinguística para análise do *evangeliquês*; a análise comportamental e do discurso evangélico contemporâneo compondo um grupo humano específico passa a ser percebido como importantes processos sociais.

Na obra *Línguas e Jargões*, Burke descreve o percurso da língua e suas expressões de acordo com uma “história social da linguagem”. Na pluralidade de culturas, fator latente no convívio entre os brasileiros, é possível notar que assim como há uma espécie de sincretismo religioso também surge uma linguagem própria para identificação de uma irmandade, os crentes. Em países europeus, por exemplo, denominações diferentes não se convergem, seus adeptos escolhem apenas uma a seguir.

Na perspectiva de hibridismo das culturas, mesmo sendo cultura pertencente ao meio evangélico, muito se perde das características tradicionais outrora bem sucedidas, nem sempre de maneira preservadora das raízes.

Vamos usar para exemplificar um dos processos onde tempo suplanta à linguagem a palavra *sermão*; poucos pregadores aos moldes de Agostinho fazem uso do vocábulo para se referir a uma pregação, atualmente *sermão* carrega uma deturpada noção de algo enfadonho, demorado e extremamente cansativo. Esse “arrazoado longo e enfadonho com que se procura convencer alguém” não é mais visto com bons olhos num tempo que a reflexão já perdeu posto para o visual e imediatista. Sendo assim não só se perde hoje o valor léxico instituído nos primórdios da igreja, mas se esfacela também o valor pedagógico dos sermões. Os sermões eram o complemento das leituras litúrgicas das missas. O sermão

na antiguidade era visto como algo de valor extremo, e de profundo existencialismo, diferente de hoje em dia.

Só levando em conta este vínculo entre religião e vida é possível compreender o impacto educacional que a homilética de então provocava. O último camponês analfabeto e o trabalhador mais rústico podiam estar destituídos de tudo. Tinham, porém, uma riqueza inalienável: a de encontrar na Igreja (e na igreja) a abertura da alma para a grandiosidade, tanto arquitetônica e plástica como a da inteligência e a da palavra. (LAUAND, 1998, p. 9).

Segundo o dicionário *Larousse Cultural* a definição de *jargão* é: “vocabulário próprio de uma profissão ou atividade; linguagem técnica; gíria; e *gíria*: linguagem que emprega palavras de forma e/ou significado compreendidos apenas por membros de um grupo.” Assim como *calão*, *gíria* e *jargão* são palavras que caracterizam o léxico de um determinado grupo de falantes, que por sua vez se identificam por um discurso hermético (mesmo que *gíria* ainda carregue o significado antigo de linguagem “marginalizada”).

A partir disso abordam-se alguns jargões bem comuns aos evangélicos que causam um pouco de estranheza nos primeiros ouvintes, ou novos convertidos não acostumados a esse vocabulário.

O pentecostalismo pode ser considerado, das três, a vertente a que mais propaga as gírias do meio “gospel”. De longe, as raízes teológicas têm sua aplicabilidade duvidosa, porém devido ao culto, mais espontâneo onde as manifestações espirituais são mais propensas, os jargões surgem do cotidiano ministerial dos crentes, seja ele nos cultos, escolas dominicais ou sabatinas, reuniões nos lares, evangelismos entre outros.

Cada expressão ou interjeição são representações dos fatos do culto ou de algum comportamento do crente. Por exemplo, “*sair da benção ou entrar na carne*” e suas variantes sinônimas como “*sair da unção ou descer do altar*”. Todas essas representam situações corriqueiras do dia a dia, onde o evangélico que se depara com algum tipo de conflito ou desavença, uma fechada no trânsito, por exemplo, ou uma tentativa de cancelar planos de serviços de telefonia ou TV a cabo por telefone. *Estar no espírito* é expressão antônima de *estar na carne*, numa alusão paulina a eterna militância entre carne e espírito, santidade e pecado, o evangélico se utiliza dessa premissa para representar determinada situação.

Os jargões evangélicos surgiram a partir do uso do texto sagrado da Bíblia, escrita em outra cultura, num outro tempo e por outro povo. O uso frequente faz com que se utilizem tais expressões como identidade do grupo. São formas vernaculares que boa parte da população desconhece. É necessário

cuidado no uso recorrente desse tipo de vocábulo, pois abuso no emprego de jargões cria uma barreira entre cristãos e não cristãos, inclusive com um vocabulário que identifica aqueles que dominam e os que não dominam o falar “espiritual”. (GOMES, 2009).

Nesse sentido temos as expressões “*do mundo e ímpio*”. Estar ou pertencer ao *mundo* é não ser convertido ainda, ou seja, um ímpio, não santo ou não salvo. Quando o crente diz “quando eu era do mundo” ele se refere ao tempo em que não havia professado a fé cristã ou não havia se convertido ao evangelho. Há de se pensar que em um primeiro contato uma pessoa que não é do convívio pense que possivelmente estejam falando de outro mundo ou outro plano.

“*Tempo de guerra, dia da prova, ou provação*” representa uma fase, ou um dia difícil, uma dificuldade cotidiana que ganha ar de luta e dor nessa expressão. *Gospel* expressão que em português significa evangelho, é transliteração da palavra inglesa God-Spell ou a Palavra de Deus, com a chegada do evangelho por parte dos norte-americanos *gospel* passou a se referir a música tocadas nas igrejas mescladas com o blues e o jazz. Hoje tudo que se pode referir ao meio evangélico carrega o vocábulo *gospel*, roupas, shows e eventos, músicas o mundo e a cultura dos evangélicos (redundantemente) é *gospel*.

Por fim as variantes do nome “diabo”, não só crentes evangélicos tratam o vocábulo que se refere ao diabo com certa cautela, pois se pensa que pode atraí-lo, invocá-lo ou coisa parecida. Popularmente, independente da comunidade falante e não só no meio cristão, diabo recebe incontáveis nomes e variações; cão, tihoso etc. Já no meio evangélico o nome mais utilizado é *inimigo*, um processo de eufemismo que tenta suavizar o que o nome representa, e substitui satanás e demônio.

### 3. *Considerações finais*

Dentre diversos e cada vez mais atualizados verbetes do meio evangélico, este estudo procurou elencar em caráter introdutório, tais premissas. É possível perceber que se faz deste uma base para futuros estudos premeditados.

O jargão é a representação do falar de um determinado grupo, de um certo tipo de pessoas que se comunicam e se identificam através da escolha de seu léxico. Afim de delimitar as fronteiras sociolinguísticas do falar cristão e do discurso de formas gerais, não se finda por aqui o viés desta análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*A BÍBLIA sagrada*. Tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. *Pobreza e justiça*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

*BÍBLIA de estudo NVI*. Trad.: Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003.

BURKE, Peter; PORTER, Roy (Orgs.). *Línguas e jargões: contribuições para uma história social da linguagem*. Trad.: Álvaro Luiz Hattner. 1. reimpr. São Paulo: UNESP, 1997.